

Posfácio em Testemunho

por Maria Julia Pascali*

Apreendi, na aldeia Nambiquara, a acolher a chegada do sol junto com todos os reinos.

Lucidez invocada, a cada madrugada, me dedico a mergulhar nas notas trazidas Do Sopro ao Afeto por Luiz Davi Vieira Gonçalves.

Afeto um

Viagem iniciada.

Leitura de alguns capítulos.

Pausa primeira.

Deito e observo o sol a nascer.

Escuto o motor do barco.

(Confunde-me o motor do umidificador.)

Olho para o céu, para as árvores e para as margens dos rios.

(Avisto, de minha janela, céu e natureza.)

O tatame já é canoa e me conduz, desnudada, aos rios e igarapés, em remadas suaves, entre buritis, sumaumeiras e açai.

Agora, sou amadora testemunha dos ritos do *eu* e do *outro*.

Luiz Davi nos leva a compreender o que queremos, ao procurar conviver com os indígenas: aprender a estar no presente, em comunhão, numa troca profunda com o dentro e o fora, a estar além da conhecida e objetiva consciência, além da individual percepção.

Ao sentimento de professora e amiga se mistura o sentimento maternal.

Aqui o laço se dá como de parente, de madrinha mesmo.

Afetada por Luiz Davi, um pouco de mim vem através do que vejo, ouço, leio e percebo em seu livro.

Sinto o rito que ele percorre: crescimento, rebeldia, desapego e retorno.

Liberto das amarras, o afilhado descobre seu caminho e nos toca.

Está na natureza de Luiz Davi integrar teatro e antropologia.

Pesquisa e vida se fundem.

Artistas performers são criadores em zonas de risco.

Nos colocamos profundamente imersos na vida performática e em estado de presença.

A reflexão e a compreensão desse momento só é possível *a posteriori*.

Seus sopros revelam escuta, envolvimento, comprometimento e ética.

A consciência objetiva é invocada para nos fazer compreender o lugar que ocupamos na História, transformando-a.

Seus passos ofertam novos rumos ao *outro*, à nossa espécie.

O canto do Luiz Davi reanima o esqueleto.

A estrutura, que está a observar sua decomposição, ganha vida nova, sopros lúcidos, para se reconhecer, se compreender e se recriar, ao modo de espelhamento.

Afeto dois

Segunda estação: abre-se a segunda visão.

A primeira se revelou de olhos abertos.

Na segunda, de olhos fechados, mais profundamente afetada, entro na gruta Nambiquara: terra, fogo, cinza, fumaça e cuspe embalam cantos, em vibração profunda.

A Vibração Primeira a todos envolve.

Estou lá.

Na oca Nambiquara: chão batido, galhos, folhas de palmeiras, redes, xiris, pessoas sãs e fracas... e os cantos, os cantos de cura.

Estou lá.

No grande pátio *toxasiha*, com o povo Yanonami de Maturacá: cantos, gritos, gestos largos, paradas, pés unidos ao chão, brinco azul.

O pajé se movimenta.

As entidades estão presentes.

O mundo invisível está aqui.

Rumo ao conhecimento do outro, da cultura outra, em fascínio, adentramos o liminar estado.

Buscamos retomar o encontro com o ser em totalidade, o ser holístico, o ser em comunhão, além do todo e do eu.

Este é o grande rito de passagem que invocamos.

Enquanto leitores, também estamos vivendo um certo rito de passagem.

Totalmente entregues à leitura, vívidos, presentes, sem expectativas, nos tornamos, todos, testemunhas, padrinhos do rito de passagem de Luiz Davi.

Neste lugar somos companheiros, parceiros.

Participamos de uma *communitas*.

Fomos incluídos: os leitores.

Nos igualamos, estamos em comunhão, sem diferença, testemunhando e vivenciando juntos os ritos de passagem apresentados no livro.

E, junto com o contador da história, construímos novos caminhos para um futuro agora transformado.

Escuta

Luiz Davi nos fala de suas idas, às 4 horas da manhã, para o mercado à beira-rio de Manaus.

Esta foi uma pequena vivência ritualística - uma abertura dos canais intuitivos, uma preparação para os próximos passos.

Na maioria das vezes, temos uma consciência difusa desse momento liminar.

Estamos entregues, inteiros, seguindo os sinais que claramente nos vem!

Mais adiante, acionamos a nesga de reflexão, acionada pela observação dedicada, delicada, amorosa, vivenciada do encontro com o fato holístico.

Vou ao encontro de um amigo.

Folhas secas caem.

Observo: as folhas caem abençoando este momento.

Adiante um tanto, ao se aproximarem um pouco mais, os amigos, ao olharem pro céu, veem que aquelas folhas estão sendo jogadas por anjos: os sinais da Sincronicidade.

Os pajés traduzem estes sinais, são anjos cá na terra a comunicar, desejar e impulsionar que a vida se manifeste em harmonia.

Afeto livre

Quando eu canto, consigo perceber as três culturas ancestrais cantando através da voz, herdada de minha mãe, e que por mim se revela: indígena, negra e italiana.

As aves também são minhas ancestrais e irmãs.

Estou imersa no grande reino da expressão planetária.

As águas, como as aves, se manifestam em mim pelos índios, pela Amazônia, pelo mar de Polignano a Mare, pelo cruzamento do oceano entre África e Brasil.

A terra - a terra dentro de mim - se manifesta quando adentro a mata, mergulhada na natureza, no verde, a escutar o vento.

Benzo, também, como minha avó italiana benzia, e que presenciei inúmeras vezes. Depois, meu pai.

E minha bisavó índia, Bárbara, e meu bisavô, o negro Manuel... será que eles benziam?

Percorrer o livro do Luiz Davi é retomar minha própria experiência.

Valorizar a participação gestual, no registro de histórias amazônicas, nos 80 e 90.

Aprendi com o Papai Lídio Nambiquara.

E com os ribeirinhos do Igarapé do Combu.

As histórias são contadas com o todo do gesto, corpo-voz.

Iniciado

Ao compartilhar a vida na aldeia, o encontro consigo próprio é fato,

Viver em comunhão com pessoas que têm o contato íntimo com a Natureza,

com os seres visíveis e invisíveis, com a harmonia do Cosmos e

que mantêm um canal aberto e constante para receber e expressar os sinais da

Sincronicidade na terra para os irmãos, os parceiros, os parentes,

é iniciático.

Nesse ambiente e convívio percebemos em nós próprios esse campo a se abrir. Tudo fica vívido: cada cheiro, cada pedacinho de areia, cada sorriso, cada estrela, cada passo, cada gesto, cada virada de pescoço, a cor da unha.

Tudo se harmoniza.

Tudo ganha um sentido de unidade e mergulhamos no presente e sua plenitude.

Ofertar esta experiência ao outro é de nossa natureza, como artistas.

Ao nos darmos conta da importância desse saber, mais do que natural, se torna necessário, criar ações e obras

que procurem passar adiante estes conhecimentos.

Luiz Davi se dedicou a encontrar parceiros criadores

a fim de despertar e difundir a consciência indígena em seus contemporâneos.

Acredito ser possível acessarmos a holística consciência indígena.

Luiz Davi nos mostrou um caminho.

As didáticas são inúmeras.

Cabe o agradecimento final ao ser profundo de Luiz Davi, que, tocado pelo saber intuitivo, se debruçou a afetar parceiros e parentes e a cultivar novos frutos conscientes e criativos.

Os sopros já estão no ar.

*Interatriz, pós-acadêmica, doutora em Artes e criadora do projeto e site Sincronicidade e Expressão.